



INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

ARTIGO



ABERTURA OFICIAL DA SEMANA DE CALOUROS DE 2005 - FFLCH/USP

PROF. DR. SEDI HIRANO - DIRETOR

PÁGINA 3



O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

PROF. DR. FRANCISCO CAPUANO SCARLATO - PRESIDENTE DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

PÁGINA 5



BIXOS SÃO RECEBIDOS NA FFLCH – USP

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

PÁGINA 6

ENTREVISTA



ENTREVISTA COM FLÁVIO DE AGUIAR

PÁGINA 6

ESPAÇO MEMÓRIA



ENTREVISTA COM FRANCISCO CORRÊA WEFFORT

PÁGINA 7

ENTREVISTA COM LILIA MORITZ SCHWARCZ

PÁGINA 8

ENTRARAM DEPOIS DA GREVE DE 2002
PÁGINA 10

ENTREVISTA COM MARCOS ANTONIO DE MORAES
PÁGINA 10

ENTREVISTA COM RAFAEL MARQUESE
PÁGINA 13



ENTREVISTA COM JOÃO PAULO GARRIDO PIMENTA

PÁGINA 14

ENTREVISTA COM MONICA DANTAS

PÁGINA 16

EVENTO

FFLCH REALIZA SIMPÓSIO INTERNACIONAL COM A UNIVERSIDADE SOPHIA
PÁGINA 18

DOUTORADOS

MÊS DE ABRIL
PÁGINA 18

MESTRADOS

MÊS DE ABRIL
PÁGINA 20

PRODUÇÃO DOS DOCENTES DA FACULDADE

PÁGINA 21

EDITORIAL

O boletim Informe nº 16 dedica sua primeira parte à programação de recepção aos calouros. Inicialmente, reproduz as palavras do Prof. Dr. Sedi Hirano, diretor da FFLCH na cerimônia de abertura oficial. Apresenta, em seguida, o artigo do Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato "O Ingresso na Universidade". Encerra-se esta parte com o artigo do aluno Daniel Cantinelli Sevillano, colaborador deste Informe: " 'Bixos' são recebidos na FFLCH – USP" descrevendo o clima de descontração em que os "bixos" foram recepcionados pelos veteranos, não houve "trote" violento, tudo era festa, tudo era brincadeira.

Neste número, há ainda dois blocos de entrevistas. O primeiro bloco com o Professor Flávio de Aguiar, docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos falando sobre o processo de consulta à comunidade e de escolha do Diretor da FFLCH. Dando continuidade ao Espaço Memória, no segundo bloco os entrevistados foram os docentes veteranos dos departamentos de Antropologia e de Ciência Política, a Professora Lilia Moritz Schwarcz e o Professor Francisco Correa Weffort, respectivamente. Foram entrevistados também os docentes recentemente contratados como resultado do movimento estudantil ocorrido na FFLCH em virtude da Greve de 2002. Os professores Marcos Antonio de Moraes, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos; Rafael Marquese e João Paulo Garrido Pimenta, ambos do Departamento de História e Mônica Dantas, pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros, foram os primeiros professores entrevistados desta nova série.

Dentre os eventos ocorridos em março, destaca-se neste número, o Simpósio Internacional USP e Sophia realizado na casa de Cultura Japonesa, ocasião em que foi firmado o acordo entre as duas instituições.

Inicia-se ainda a sistemática de se anunciar com um mês de antecedência as datas de defesas das dissertações de mestrado e das teses de doutoramento.

Mantém-se a divulgação dos livros de autoria de docentes e discentes encaminhados à Assessoria de Comunicação.

Boa Leitura!

EXPEDIENTE

REITOR:
Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR:
Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz
DIRETOR:
Prof. Dr. Sedi Hirano
Vice-Diretora
Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini (DTLLC), Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara (DH), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Maria Aparecida de Aquino (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL), Sra. Eliana Bento da S. A. Barros (AÇÃO) - Membro Assessor. **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO:** Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814. **COORDENAÇÃO:** Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815. **PROJETO GRÁFICO:** Dorli Hiroko Yamaoka, Erbert A. Silva – MTb 35870. **COLABORADORES:** Daniel Cantinelli Sevillano, Denis Oliveira e Silva, Verônica Reis Cristo. **REVISÃO:** Bruna Baldini de Miranda. **SERVIÇO DE ARTES GRÁFICAS:** João Fernando Querido Salvado. **IMPRESSÃO:** Gráfica – FFLCH/USP. **TIRAGEM:** 1500 exemplares.



ABERTURA OFICIAL DA SEMANA DE CALOUROS DE 2005 - FFLCH/USP

PROF. DR. SEDI HIRANO
DIRETOR



É com imensa satisfação que participo da cerimônia de abertura oficial da semana de calouros da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A Faculdade de Filosofia foi criada juntamente com a Universidade de

São Paulo como a sua **célula mater**, cujo projeto didático-científico almejava implantar **um sistema de ensino universitário de elevado padrão** e que se tornaria, no decorrer dos anos, um paradigma de ensino superior em todo o Brasil e no exterior.

Havia, no projeto de sua fundação, a idéia de indissociabilidade entre pesquisa, docência e extensão do conhecimento científico e da cultura à sociedade.

No núcleo de todo o processo de fundação da Universidade de São Paulo estava, e ainda está, a Faculdade de Filosofia. Dentro dela "se desenvolveria a vida universitária, por excelência, com permanente ebulição de idéias e de novidades nos mais variados ramos do saber."

Não há nenhuma dúvida, como já esclareceu Irene Cardoso na sua belíssima tese de doutorado intitulada "*A Universidade da Comunhão Paulista*", sobre os entrelaçamentos estreitos que havia entre a "oligarquia paulista esclarecida" e a nova universidade.

Comentando esse livro, Alfredo Bosi indaga de uma forma instigante o seguinte: "*até que ponto a origem meio liberal, meio elitista, da nossa universidade marcou o seu percurso ideológico posterior?*" Devíamos, hoje, após setenta anos de história científica e cultural, analisar, interpretar, ajuizar.

Prosseguindo, Bosi afirma que "**não convém subestimar a força real das determinações de origem. Elas pesam e resistem no centro da instituição, na ossatura da hierarquia e na sua armação burocrática, esferas cerradas em que o conservadorismo da Universidade de São Paulo parece quase estrutural.** A reforma de 70, que trouxe medidas modernizadoras como a extinção nominal das cátedras, não conseguiu alterar de fato a distribuição dos po-

deres. E nas horas de confronto, diz Alfredo Bosi, liberalismo se traduziu como liberdade de praticar o autoritarismo".

Porém, como diz Max Weber, os projetos orientados pelas éticas da responsabilidade e da convicção, na vida cotidiana, produzem o "paradoxo das conseqüências".

E, por conseqüência, esta "ossatura hierárquica em sua armação burocrática, como se fossem carcaças de ferro cerradas, não impediram a emergência de um pensamento crítico radical.

Nos poros dessa estrutura elitista e aristocrática construiu-se, nos últimos 70 anos, o conceito e a prática de **docência formadora**, baseada em estudos e pesquisas sistemáticas alimentadas por uma rigorosa disciplina metódica centrada na **autonomia do conhecimento e no pensamento crítico.**

Aprendemos, ainda, dentro dessa carcaça de ferro extremamente opressor, que é necessário preservar e desenvolver, como afirmam Antonio Candido, Florestan Fernandes e Octávio Ianni, o compromisso fundamental com a universidade pública e gratuita, como o lugar da universalidade, **onde se prepara a consciência autônoma e apurada do cidadão que almeja a transformação da sociedade.**

Nesta mesma linha de pensamento, **Antonio Candido, que foi professor homenageado do curso de Letras, em 1964, afirmou que a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras deu elementos decisivos para a formação de "pensamento radical" que se desenvolveu em todo o Brasil.** Este pensamento inaugurou uma série de reflexões sobre temas inovadores e da fundamental importância para o conhecimento da sociedade brasileira. E quem passava por ela, no entendimento de Antonio Candido, "saía com mentalidade inclinada" para o "**radicalismo de classe média**", conseqüência "do espírito crítico voltado para a análise da sociedade com ânimo transformador".

Incluíram-se, naqueles temários, as obras de Florestan e sua equipe; os estudos de relações raciais; os trabalhos históricos feitos com ânimo de revisão de valores e conceitos; o desenvolvimento das condições de vida de vários geógrafos e a vigilância epistemológica de muitos estudiosos de literatura e filosofia. Esses trabalhos tornaram-se referência nacional e internacional.

Além desse exercício da crítica, revelando um certo inconformismo com o seu tempo, alguns pontos se destacavam e se incorporaram ao patrimônio cultural da FFLCH e da USP nessa trajetória, “definindo o seu perfil singular e distintivo na sociedade brasileira: *o padrão de ensino e pesquisa, o tempo integral e a dedicação exclusiva e a autonomia universitária*”.

Portanto, o padrão de ensino e pesquisa apresenta-se rigoroso, sistemático, com ênfase nos procedimentos especificamente acadêmicos, em que há valorização da pesquisa empírica e refinada reflexão teórica e metodológica.

Com o advento da Faculdade de Filosofia, construiu-se um espaço institucionalizado de produção do saber de elevadíssimo padrão, “capaz de produzir e reproduzir profissionais especializados no manejo de técnicas de investigação e de análise do pensamento crítico”.

Na base desse padrão, firmou-se o conceito de **indissociabilidade entre ensino e pesquisa**. Ele impunha um novo modelo de trabalho acadêmico alimentado pela idéia de missão, vocação e profissão, cujo exercício seria, necessariamente, em **tempo integral e com dedicação exclusiva**.

Estes dois elementos estruturais, partes integrantes do projeto de Fundação da Universidade e da Faculdade de Filosofia se cristalizou com a *idéia da autonomia do saber*.

Octávio Ianni, Professor homenageado dos alunos de ciências sociais, no ano de 1964, quando recebeu o título de professor emérito, em 1997, ressaltou a sua formação de professor comprometido com a universidade. Afirmou, em seguida, que o que está em causa é a universidade, que está sendo desafiada a enfrentar os seguintes problemas:

Primeiro, a pressão para ajustar-se ao mercado e, de imediato, ao economicismo, à produtividade mercantil, ou seja, ao *ethos* tecnocrático imposto pelo neoliberalismo. No entendimento de Ianni, os requisitos da “produtividade” e da “qualidade total” estão sendo impostos à Universidade, como se fosse uma fábrica de mercadorias;

Segundo, a universidade está sendo desafiada a preservar e desenvolver o seu compromisso com a pesquisa original e o diálogo aberto com as variadas correntes de pensamento. Portanto, ela almeja não só a formação de profissionais, técnicos, professores e pesquisadores mas contribuir para o avanço das ciências, da filosofia e das artes. Desenvolvendo e enriquecendo, assim, o *ethos humanístico* que continua a ser a sua missão.

Finalmente, a universidade está sendo pressionada a orientar-se para a universalidade, reconhecendo que as transformações que estão acontecendo no mundo contemporâneo abrem novos horizontes para o ensino e a pesquisa, a razão e a imaginação.

Diante desse quadro contemporâneo, quando as universidades públicas estão sendo questionadas pelo Estado e pelos setores conservadores e neoliberais da sociedade civil, é fundamental reafirmar os seguintes princípios em defesa da universidade pública e gratuita para todos.

Inicialmente, concebemos a universidade como uma **instituição social** que se legitima quando alcança o **reconhecimento público** através de sua ação social e prática acadêmica fundadas no primado da **diferenciação** e da **autonomia do saber**;

Neste sentido, ela está estruturada por um conjunto de regras, preceitos e valores internamente reconhecido e legitimado;

Assim sendo, a Universidade almeja, na produção e na transformação do conhecimento, expressar os valores universais orientados para sua própria lógica.

Como Marilena Chauí, que estava entre os formandos de filosofia de 1964 pontua, a Universidade, como instituição social, está radicalmente associada às idéias de **formação, reflexão, criação e crítica** e também “à idéia de democracia e de democratização do saber”.

Portanto, o conceito de experiência deve ser entendido como processo auto-reflexivo de **formação** do sujeito dotado de uma consciência crítica e emancipada, ou seja, deve procurar formar uma inteligência inquieta, alerta e reflexiva.

Por conseguinte, ainda segundo Chauí, a universidade é considerada como uma instituição constitutiva da sociedade, e sua existência “é determinada **pela** sociedade e determina idéias e práticas **da** sociedade”.

Finalmente, defendemos as instituições públicas de primeiro, segundo e terceiro grau para todos (como, aliás, fazia Florestan Fernandes, desde os anos 50) por estas serem, por excelência, instituições democráticas de oportunidades sociais.

Estes princípios formam, no nosso entendimento, o **substrato** do perfil acadêmico institucional dos docentes e dos alunos da Universidade de São Paulo e, em particular, o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, núcleo fundador da Universidade de São Paulo que encarna os ideais da Universidade enquanto **instituição social**.

Deste modo, partimos do pressuposto de que a docência e a pesquisa devem ser assumidas como uma missão e uma vocação voltadas para a produção e transmissão do conhecimento.

Isto porque, segundo afirmava o saudoso mestre Florestan Fernandes, que foi paraninfo dos formandos da Faculdade de Filosofia de 1964, “é impossível constituir-se uma universidade integrada e multifuncional sob o regime de tempo parcial, de predomínio absorvente das profissões liberais sobre as atvida-

des intelectuais dos professores e de subestimação da carreira universitária como núcleo de papéis intelectuais específicos”.

A adoção deste preceito de dedicação exclusiva resulta em um ensino firmado na **pesquisa de alto padrão de qualidade** enquanto uma experiência metódica e contínua centrada na **auto-reflexão** e na **autonomia**, possibilitando que o professor crie condições de diálogo do estudante com o saber. Neste processo, estudantes e professores tornam-se

parceiros na construção da cidadania. A ciência e o conhecimento transformam-se em armas para a intervenção na realidade social brasileira tão injusta, tão desigual e, monumentalmente, excludente. E a ciência a serviço da transformação social torna-se militante, ampliadora de cidadania.

São Paulo, 28 de fevereiro de 2005

O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

PROF. DR. FRANCISCO CAPUANO SCARLATO
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO



O ingresso na Universidade cria no espírito dos jovens um sentimento de vitória, ainda mais quando esta é a USP. Ao mesmo tempo, porém, representa um momento de alegria e de incertezas. Qualquer que tenha sido a carreira escolhida, muitos estarão se questionando sobre a incerteza da escolha e a expectativa de sucesso no mercado de trabalho.

Este jovem, recém egresso dos bancos escolares do Ensino Médio, muitas vezes chega à Universidade com uma visão idealizada da mesma e pouca clareza sobre o que o curso escolhido poderá lhe oferecer como possibilidade de realização daquela expectativa.

É comum o comentário de que os alunos ingressantes chegam mal preparados à Universidade. Acreditamos que isto é uma meia verdade. Sabemos que os mesmos para ingressarem na USP têm que enfrentar um dos vestibulares mais acirrados do país. Portanto, mesmo considerando possíveis críticas ao modelo de avaliação pelo vestibular, ele coloca na Universidade aqueles que acabaram tendo os melhores desempenhos, o que não significa que consiga resolver as deficiências trazidas do Ensino Médio. Se estes alunos em média geral não representam um universo ideal, apresentam, porém, com estratégias de ensino adequadas, as possibilidades de atingir bons resultados de aprendizagem. O que não podemos mais é ficar chorando o leite derramado do despreparo dos alunos egressos do Ensino Médio.

Mais do que criticar o mal preparo dos ingressantes, deveríamos nos perguntar se a Universidade está preparada para trabalhar com estes jovens postulantes ao

trabalho com a pesquisa científica e a uma formação profissional. Talvez esta crítica seja uma forma cômoda para escondermos nossas fragilidades, tanto no plano das estratégias de ensino, quanto nas condições humanas e materiais que lhe são fornecidas.

Sabemos que nos últimos anos a Universidade de São Paulo vem repensando e agindo a fim de valorizar os cursos de graduação, procurando melhorar suas condições. Porém, muito ainda tem que ser feito. Vale lembrar que não será somente com as melhorias das condições de infraestrutura e aumento do quadro docente que conseguiremos superar nossas fragilidades. Sabemos que elas são imprescindíveis, mas não suficientes. Enquanto nós, professores e todos aqueles responsáveis pelas estratégias de ensino e pesquisa da nossa instituição, não admitirmos que os jovens que recebemos, mesmo tendo passado pelo vestibular, continuam necessitando do nosso apoio e estímulo para superar suas possíveis deficiências e incertezas, dificilmente conseguiremos atingir nossos objetivos, de um ensino público, gratuito e de qualidade.

Aos mesmos alunos ingressantes na FFLCH-USP, gostaríamos de dizer-lhes que a possibilidade de atingirmos estes objetivos não deveria ser entendida como um esforço unilateral de seus professores e responsáveis pela direção, mas de um esforço coletivo onde os alunos representam um papel fundamental. Onde o espírito crítico e democrático esteja aliado ao da tolerância na busca pelas melhores condições do ensino público e gratuito. Acreditamos que estes objetivos, sempre estiveram presentes na vida acadêmica da nossa FFLCH-USP.

BIXOS SÃO RECEBIDOS NA FFLCH – USP

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

Nos dias 14 e 15 de fevereiro, os ingressantes – ou, como são conhecidos, “bixos” – foram recebidos por seus vetera-



nos em todas as unidades da USP. Na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (“fefeche” para os íntimos), as matrículas de todos os cursos aconteceram no prédio de Geografia e História.

Os bixos foram recebidos, como já é tradição na FFLCH, por veteranos que os esperavam na saída dos anfiteatros de Geografia e de História com pincel e potes de tinta nas mãos.

Houve de tudo: desde bixos que só tiveram seu nariz pintado, até bixos que, literalmente, mudaram de cor. Tudo isso feito em clima de festa e amizade, sem nenhum abuso por parte dos veteranos. Alguns bixos ainda ganhavam, se quisessem, um corte de cabelo gratuito, proporcionado pelos “cabeleireiros” da FFLCH; além do corte, havia também a opção de “tingir” o cabelo com uma das cores disponíveis.

Conversei com duas bixetes logo após o término de suas matrículas, para ver o que elas esperam de seus cursos e de sua vida dentro da USP daqui para a frente. Aline Cristina Nunes de Almeida, caloura de Letras, espera “um lugar onde



eu possa encontrar o máximo de pessoas diferentes, com quem eu possa aprender a me comunicar e respeitar, além de encontrar toda a estrutura relacionada ao curso e aos professores”. Já a bixete de História Thalita Quachio espera sair da Faculdade “com uma boa formação. Essa é minha segunda Faculdade, e se eu estou aqui, é para fazer o que eu gosto. Espero ter êxito nessa profissão que eu escolhi, e que a Faculdade me proporcione uma boa formação, com os professores,



a biblioteca e os cursos”.

Foram dois dias de alegria para os que conseguiram passar na FUVEST e têm agora a chance de estudar na melhor universidade do país. Porém, os bixos precisam estar conscientes de que estar numa universidade pública traz uma série de responsabilidades para eles. Tanto a USP como a FFLCH oferecem oportunidades de trabalho voluntário – como cursinhos populares e outras atividades - para que os alunos possam retribuir de alguma forma o que a sociedade lhes oferece; é só se interessar por um desses projetos e correr atrás.

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM FLÁVIO DE AGUIAR

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO



Nesta entrevista, o professor Flávio de Aguiar responde a algumas perguntas sobre o processo de consulta à comunidade e de escolha do Diretor da FFLCH.

Daniel Cantinelli Sevillano: Como se dá o processo de escolha do Diretor?

Flávio de Aguiar: O processo de escolha do Diretor segue as normas estatutárias e regimentais da USP e da Faculdade. O

Colégio Eleitoral qualificado elabora uma lista tríplice que é enviada ao Reitor para escolha.

DCS: Como funciona o processo de consulta à comunidade realizada antes das eleições para Diretor?

FA: Faz alguns anos que a consulta é formalmente organizada pela Congregação da FFLCH. Dela participam os estudantes, os funcionários e os professores. As três categorias votam em urnas separadas, ou em cédulas com cores distintas. A comissão eleitoral apura os votos mas não totaliza um resultado final.

A interpretação dos resultados fica a critério de cada um, pois há diferentes maneiras de fazê-la. Podemos “ler” este resultado de acordo, por exemplo, com uma proporção paritária (1/3 dos votos para cada categoria), ou por voto universal (“cada cabeça vale um voto”), ou por outras proporções.

DCS: O resultado da consulta deve, obrigatoriamente, ser respeitado pelo Colégio Eleitoral que elabora a lista triplíce de eleitos enviada ao Reitor?

FA: A obediência ao resultado da consulta não é obrigatória. Mas eu diria que nessa altura um candidato que se apresente sem participar da consulta, ou tendo uma vota-

ção pequena nela, dificilmente terá chances no Colégio Eleitoral. A adoção da consulta pela Congregação da FFLCH trouxe uma legitimação para o processo de escolha do diretor (e do vice) que o estatuto e o regimento institucionais por si só não garantem. Ambos são contestados por restringirem demasiadamente a participação da comunidade na escolha. Além disso, o processo possibilita um debate mais amplo sobre as prioridades da Faculdade e sobre sua política acadêmica. Esse procedimento está de acordo com as melhores tradições da nossa Faculdade, que sempre teve um papel de liderança na democratização da universidade brasileira.

ESPAÇO MEMÓRIA

ENTREVISTA COM FRANCISCO CORRÊA WEFFORT.

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH
SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO



O entrevistado é professor aposentado do Departamento de Ciência Política. Foi Ministro da Cultura durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que o senhor me falasse sobre sua formação acadêmica.

Francisco Corrêa Weffort: Minha graduação é de 1956 a 1961, em Ciências Sociais. Naquela época não havia pós-graduação como a de hoje. Havia, porém um título de “especialização” que conquistei em 1964, junto a então Cadeira de Política. Meu doutorado é de 1968, também junto à Cadeira de Política. Em ambos os casos, sob a orientação da Professora Paula Beiguelman.

DCS: Como era a Faculdade de Filosofia no tempo em que o senhor foi aluno?

FCW: A Faculdade estava ainda na Rua Maria Antonia. Era bem menor do que a de hoje quanto ao número de professores e alunos, embora naquela época envolvendo outros departamentos além dos de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Por ser em menor número, tinha a vantagem de que as pessoas dos diferentes departamentos se encontravam mais do que hoje. Também professores e alunos se viam mais do que hoje. Era uma Faculdade menor e, contudo, mais importante porque reunindo também departamentos de Física, Química,

Matemática, etc., constituía provavelmente quase a metade da USP de então. Por isso e por outras razões, mais ligadas à época política, era mais ouvida nas questões de interesse público. Um exemplo: a famosa campanha da escola pública.

DCS: O senhor participava de algum movimento estudantil na época de aluno?

FCW: Participei do movimento estudantil como aluno, tendo sido secretário do Grêmio na gestão Rocha Barros.

DCS: O senhor presenciou os acontecimentos de 68 na Maria Antonia?

FCW: Tendo me formado em 61 e exercido por dois anos (61-63) como auxiliar-de-ensino, eu pedi licença à USP e passei 4 anos no Chile (64-68), em um Instituto ligado à CEPAL, do qual era sub-diretor o Professor Fernando Henrique Cardoso. Voltei ao Brasil em inícios de 68, o que me deu tempo de ver o movimento da época. Estive presente, mas com a distância que meus anos de exterior impunham. Depois de 6 anos de formado, dos quais 4 anos fora, é evidente que o movimento tinha participantes e líderes de uma geração mais jovem do que a minha.

DCS: Qual sua opinião sobre a divisão da antiga FFCL e a mudança para a cidade universitária?

FCW: A divisão da antiga Faculdade era necessária como parte de uma reforma da Universidade que já se achava em

curso antes que a divisão como tal acontecesse. Eu e muitos na época queríamos uma reforma da Universidade. Mas o problema é que, depois de assumido o controle militar no país, a tal reforma mudou de sentido, acabou por assumir o sabor de uma contra-reforma.

Quanto à mudança para a cidade universitária, era também necessária, até porque o edifício da Maria Antonia já não tinha espaço para todos (algumas subunidades estavam já em outras ruas da Cidade). O problema com a mudança para a cidade universitária é que não atendeu aos padrões que se esperam de uma universidade em funcionamento normal. A mudança foi atropelada pelos incidentes entre a Filosofia e o Mackenzie. Assim como a reforma da Universidade e a divisão da Faculdade de Filosofia, para mim e muitos contemporâneos a mudança veio como uma derrota, uma degradação. Fomos para os "barracões" da cidade universitária, a meu ver o pior período de toda esta época.

DCS: O senhor foi eleito Diretor da FFLCH em 1984. Por que não assumiu o cargo?

FCW: A apresentação de meu nome nas eleições para a Diretoria foi apenas uma fórmula encontrada para se compor uma lista tríplice. Eu não tinha a intenção de exercer a diretoria e meus colegas de Congregação sabiam disso. E apresentaram meu nome precisamente por isso. Como eu não queria o cargo, não poderia também prejudicar as pretensões de outrem. Sempre que necessário, assumi funções administrativas em meu departamento, mas nunca pretendi nada além disso.

DCS: Em que ano se aposentou, e por quê?

FCW: Eu me aposentei em 1996, depois de 35 anos de serviço. A lei da época exigia 30 anos, mas eu fiquei alguns mais por decisão pessoal, para compensar 5 anos em que estive no exterior, 4 anos no Chile e 1 ano na Inglaterra.

ENTREVISTA COM LILIA MORITZ SCHWARCZ

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

A entrevistada é professora do Departamento de Antropologia.

Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que você me falasse sobre sua formação dentro da universidade.

Lilia Moritz Schwarcz: Eu cursei História na USP, de 1976 a 1980, e nesse período desenvolvi um projeto de Iniciação Científica sobre uma fazenda de escravos na região de Ilha Bela. O mestrado foi feito na Unicamp, entre 1981 e 1986, na área de Antropologia. Já naquele momento, pretendia investir na questão teórica da representação simbólica e no tema da identidade e por isso direcionei-me para uma área nova, que ligava Antropologia e História. Minha orientadora, num primeiro momento, foi a professora Manuela Carneiro da Cunha que trabalhava, exatamente, com o tema dos libertos na África e no Brasil. No entanto, como a professora Manuela realizou uma viagem de pesquisa à África, a pesquisa foi concluída sob a orientação do professor Antonio Augusto Arantes. A dissertação – "Retrato em branco e negro: imagens de escravos na imprensa paulistana de finais do século XIX" e tinha como objetivo mostrar a construção de representações sobre escravos e negros, justamente no período da abolição.

De 1987 a 1993 fiz meu doutorado, novamente sob orientação da professora Manuela Carneiro da Cunha, só que agora no departamento de Antropologia da USP. Minha tese teve como

tema as teorias raciais no Brasil em meados do século XIX e buscava demonstrar a releitura desses modelos em nosso país. Em 1998 defendi minha livre-docência, com uma tese intitulada "As barbas do Imperador", um estudo que trata da construção da representação simbólica do monarca D. Pedro II. Todos esses trabalhos foram publicados sob a forma de livros.

DCS: Como era a Faculdade de Filosofia quando você fez sua graduação?

LMS: O curso de História foi muito importante para a minha formação, pois propiciou uma visão ampla e vinculada às humanidades, de uma forma geral. Contávamos com um leque bastante amplo de disciplinas e com uma série de professores que transmitiam aos alunos uma perspectiva crítica. Por sinal, já naquela ocasião era possível usar a Universidade como uma universidade mesmo; fiz cursos na Faculdade de Filosofia com a professora Marilena Chauí, na Sociologia com o professor Ruy Coelho, e na Psicologia com o professor João Frayze-Pereira, entre outros. Por outro lado, como a comunidade científica era menor, as oportunidades de pesquisa cresciam. No meu caso particular, não foi difícil conseguir, já na graduação, uma bolsa de Iniciação Científica da FAPESP.

Lembro que o ambiente cultural era muito animado, mesmo porque comecei a frequentar a graduação no período da aber-

tura política. Nesse sentido, a universidade representava um espaço muito importante de participação política e cultural. Vinculei-me, particularmente ao grupo Refazendo e atuei na política cultural, animando festivais e ciclos de cinema.

DCS: Esse grupo Refazendo era uma divisão do Movimento Estudantil?

LMS: Era um dos grupos do movimento estudantil, que ressurgia nesse contexto, também.

DCS: O Movimento Estudantil estava renascendo também.

LMS: Sim, ele estava renascendo, política e culturalmente. No curso de História, por exemplo, travava-se de um debate muito interessante, que implicava em pensar como o conceito de poder, explicava, mas não dava conta de todas as dimensões. Por exemplo: em seminários do curso de História Moderna, de um lado líamos Brecht, e pensávamos nas implicações políticas do debate cultural. De outro lado, porém, consumíamos Pirandello, buscando entender de que maneira a arte compunha um sistema próprio de significação, para além dos condicionantes políticos imediatos. Começávamos também a conhecer “outras histórias”: a história da criança, da família, da lágrima ou da morte. Com efeito, todo o contexto era bastante estimulador.

DCS: O Nicolau Sevcenko e a Laura de Mello e Sousa são dessa época também, não?

LMS: Eles estavam um pouco mais “adiantados” do que eu: uns três anos na minha frente. Por isso mesmo, não cheguei a conviver com eles durante os tempos da graduação.

DCS: O livro do Nicolau, *Literatura como missão*, é dessa época, e parece que ele foi um pouco criticado quando lançado.

LMS: *Literatura como missão* foi um livro fundamental para o meu mestrado, não só porque trata de autores que me interessavam de perto – Euclides da Cunha e Lima Barreto – como justamente por conta de seu enfoque inovador. O livro exemplificava uma época de transição, entre um momento em que só se fazia história política e um outro contexto em que a história se abriu para outros caminhos. Estou me referindo à uma história mais propriamente cultural e das mentalidades. O trabalho da Laura de Mello e Souza, *O Inferno atlântico*, foi também muito original – um verdadeiro modelo – porque mostrava, entre outros, a importância de estudar costumes, culturas e a própria alteridade; tudo isso vinculado à própria imagem dos primeiros anos de nossa colonização. Esses como outros livros da época, funcionavam como exemplos de apro-

ximação entre História da Antropologia (e outras áreas vizinhas); recorte esse que tanto me interessava.

DCS: Em que ano você começou a dar aulas na USP?

LMS: Comecei a dar aulas no Departamento de Antropologia da USP em finais de 1988, mas, nesse contexto, já havia atuado como professora em alguns colégios (como o Oswald de Andrade e o Santa Cruz) e na Unicamp (de 1984 a 1988).

A experiência de ministrar aulas na USP foi, desde o início, das mais interessantes. Em primeiro lugar, porque eu vivia uma situação paradoxal: era professora e aluna do doutorado ao mesmo tempo. De outro lado, percebi as vantagens de se lecionar no mesmo lugar em que se vive: a proximidade permitia, entre outros, a possibilidade de integrar docência, pesquisa com as atividades administrativas da própria universidade.

DCS: Você acompanhou aquele movimento de quase divisão da Faculdade no final dos anos 80?

LMS: Eu acompanhei o “andamento” da discussão, porque estava, apenas, entrando no Departamento naquela época. O Departamento de Antropologia, nesse contexto, apresentava-se bastante dividido, entre um grupo favorável à separação e outro tendente à união da Faculdade. Particularmente acredito que deveríamos repensar no gigantismo de nossa Faculdade e em sua estrutura um tanto pesada. Quem sabe, uma estrutura mais enxuta viesse propiciar uma maior agilidade nas decisões. Acho que o maior dilema, na época, era que os grupos não discutiam problemas da mesma ordem: os favoráveis à divisão debatiam praticamente a questão, enquanto que os favoráveis à união a debatiam filosoficamente. Portanto, era um debate, de certa maneira, entre surdos. Filosoficamente, acho que todos concordavam com o suposto que a troca de idéias e a interdisciplinaridade era, e é, não só importante como fundamental. O ponto era outro: como pensar, de forma mais pragmática, no gerenciamento dessa máquina cada dia mais pesada.

DCS: Mas essa interdisciplinaridade não existe.

LMS: Existe, mas não se pratica por decreto. Interdisciplinaridade só existe, mesmo, se ocorrer um debate genuíno entre disciplinas, conceitos e perspectivas. Veja só: até dentro de um mesmo curso – Ciências Sociais – parece difícil casar programas de Antropologia, Sociologia e Ciência Política ...

O programa que estou ministrando, nesse segundo semestre de 2004, chama-se “Antropologia e História: relações de fronteira” e representa, justamente, uma tentativa de “praticar” a interdisciplinaridade. Na classe há tanto alunos de História como de Antropologia, além de alunos de Geografia e de Letras. Acho que oferecer cursos que interessem a outras áreas, fora do seu departamento, que busquem as fronteiras,

pode auxiliar na realização efetiva dessa meta que é quase uma utopia difícil.

DCS: Em que ano você defendeu sua livre-docência?

LMS: Defendi a livre-docência em 1998. O trabalho que apresentei representou, explicitamente, uma tentativa de diálogo entre História e Antropologia. A novidade foi abordar uma figura histórica, o monarca D. Pedro II, através de um olhar, digamos assim, antropológico. Entre outros, procurava entender a “eficácia simbólica” da monarquia brasileira. Ou seja, dentre as inúmeras inquietações que me mobilizavam, pretendi analisar –

com um instrumental antropológico — porque a monarquia caiu em 1889, mas seus símbolos permaneceram vigorosos durante a República. Foi um risco, isso é fato, mas me parece que nesses terrenos de fronteira é importante arriscar. O livro recebeu não só o prêmio Jabuti, como conseguiu alcançar um público mais amplo. *As barbas do Imperador* está na 11ª edição e já vendeu 41 mil exemplares. Mais importante do que isso, é continuar investindo numa reflexão que tem implicado pensar na convivência entre áreas distintas e na ampliação da própria noção de historicidade; tema fundamental em nossa sociedade.

ENTREVISTAS COM PROFESSORES QUE ENTRARAM DEPOIS DA GREVE DE 2002

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

A partir do mês de fevereiro, o INFORME publicará uma série de entrevistas com professores contratados após o fim da Greve de 2002: ao todo, 92 novos docentes. Esses professores representam não só a renovação dos quadros docentes da Faculdade, mas também a vitória do Movimento Estudantil dentro da FFLCH, que lutou por essas contratações.

Neste mês, os entrevistados são os professores Marcos Antonio de Moraes, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Rafael de Bivar Marquese e João Paulo Garrido

Pimenta, do Departamento de História. A professora Monica Duarte Dantas dá aulas no DH, mas é pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros.

Tanto a professora Monica como os professores Rafael e João Paulo fazem parte de um grupo de professores que começou a dar aulas na USP depois de 2002 e que cursou História no começo dos anos 90. Esse grupo é formado, além dos três citados, pelos professores Lincoln Secco e Gabriela Pellegrino Soares, do DH, e Paulo Iumatti, do IEB. Suas entrevistas serão publicadas no mês de abril.

ENTREVISTA COM MARCOS ANTONIO DE MORAES

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

Daniel Cantinelli Sevillano: Querida que você me falasse sobre sua formação universitária.

Marcos Antonio de Moraes: Eu me formei em Letras (Linguística, Português e Francês) na FFLCH em 1991. Demorei seis anos para concluir esse curso que foi realizado em dois momentos, em dois prédios. Inicialmente nas Colméias, espaço de dispersão dos alunos, etapa de sociabilidade bastante restrita. Os encontros geralmente aconteciam nas filas da biblioteca (não tínhamos, como agora, acesso às estantes de livros), do xerox de Dona Lúcia, do bandeirão, ou próximo à banca

de livros de seu Jaime. Lembro-me de que o CAELL propiciou alguns eventos marcantes como, por exemplo, a exibição do filme de Godard, *Je vous salue, Marie*, proibido pelo governo Sarney. Assistimos ao filme, em francês, sem legendas... Quase nada compreendemos, mas a exibição valia como ato de resistência... Minha graduação se completou com a nossa vinda para esse prédio onde estamos hoje, o que significou uma grande mudança. Aqui, nossa identidade estudantil tornou-se melhor definida.

Antes de vir para a FFLCH, estudei em escolas do Estado, no interior de São Paulo; minha formação foi deficiente. O que eu sabia de literatura vinha de minhas próprias descobertas e do exemplo de casa, pois meu pai, formado em história, lia muito.

A surpresa, ao chegar na Universidade, foi perceber a dedicação e o entusiasmo dos professores. Eles subvertiam a nossa formação ingênua e o lastro pedagógico oficial dos anos 70. No primeiro ano, tive professores excepcionais. Encontrávamos, em Língua Portuguesa, a perfeita vocação didática de Elisa Guimarães Pinto. Lá estava Walnice Nogueira Galvão, renunciando às aulas “quadradas” para partilhar o gosto pela literatura, o “prazer do texto”. E podia lembrar-me ainda da subversão ácida, no segundo ano do curso, presente nas análises do Prof. Hansen, em suas aulas de literatura colonial brasileira. Era um desnorteamento necessário para uma geração um tanto... apática. Muitos dos nossos professores passaram pela Maria Antonia, tiveram o privilégio de ser alunos de Antonio Candido, fator determinante para a formação de um paradigma didático ideal. E ainda mais, muitos professores representavam para nós exemplos de atitude de contestação libertária pois haviam sido protagonistas no movimento estudantil dos tempos sombrios da ditadura.

DCS: No vestibular você já escolhia sua habilitação?

MAM: No vestibular, você já escolhia a língua que queria estudar. Na primeira vez que prestei vestibular, passei em Grego, mas não cheguei a assistir a nenhuma aula... Prestei novo vestibular, optando pela Lingüística que, para mim, era algo absolutamente novo. Na Faculdade, você podia escolher outras duas habilitações, o que fazia com que o curso se estendesse muito. Aliás, no curso de Letras, ainda hoje, como se sabe, poucos alunos acabam em quatro anos...

DCS: Como você teve contato com a pesquisa dentro da FFLCH?

MAM: Na disciplina de Literatura Brasileira dedicada ao Modernismo, a professora Telê Ancona Lopez nos apresentou as potencialidades do estudo do manuscrito de escritores. Ela demonstrava, ao analisar **Macunaíma**, a importância das fontes primárias no trabalho de análise e interpretação do texto literário. No final do curso, propus um tema inusitado para a monografia, a recuperação e a interpretação de poemas de um modernista menor, Agenor Barbosa. Telê, em seguida, me convidou para ser estagiário-bolsista no arquivo Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros, onde, aliás, continuo até hoje desenvolvendo meu projeto de pós-doutoramento que pretende reunir, editar e estudar a correspondência ativa de Mário.

DCS: Como era o Movimento Estudantil na época?

MAM: Penso que a minha geração esteve marcada por certo individualismo, porque não aprendeu a construir projetos co-

munis. Crescemos em um ambiente escolar que não nos levava a discutir ou a questionar a realidade, mas a aceitar o ufanismo nacionalista imposto pela ideologia do regime militar. Isso redundou em uma geração “silenciosa”, ou pelo menos, “tímida”.

Se os debates políticos não eram calorosos entre nós, o surgimento de uma revista literária nas Letras trouxe um reflexo de nossas conversas, de nossos interesses. A revista *Advenis* durou oito números, de 1989 até o início de 1991, fato excepcional em se tratando de um periódico de alunos de graduação. Tinha um aspecto tosco, com oito páginas, no início, e 16 no último número. Apoiada pela Pró-Reitoria de Cultura, possuía uma fabulosa tiragem de 3000 exemplares e qualquer aluno da FFLCH podia publicar seus textos. Em *Advenis*, eu consigo perceber hoje, ao lado de poemas e contos bem pobres, uma vontade de criar uma “auto-imagem”, de dar voz representativa a uma geração de estudantes de Letras. Daí a presença, inclusive, de manifestos, de resenhas sobre os poemas dos próprios alunos. O editor da revista, Elias Ribeiro de Castro (que, depois, fez mestrado em Literatura Russa), cuidava da revista quase sozinho. Entrava nas salas de aula pedindo colaborações, organizava o material, divulgava... Nessa época tinha sido lançada a importante Coleção Claro Enigma, idealizada e patrocinada pelo Prof. Augusto Massi, na qual saiu o livro de José Paulo Paes **A poesia está morta, mas juro que não fui eu**. Emprestei o mote desse título e no 3º número da revista, me propus a realizar entrevistas com alguns poetas de alguma forma ligados à universidade, indagando se “a poesia estava realmente morta”. Entrevistei três poetas. O primeiro diálogo foi com o professor de filosofia Rubens Rodrigues Torres Filho; pedi a ele que explanasse sobre a relação entre filosofia e poesia. Na seqüência, encontrei-me com o professor Alcides Villaça, poeta que tivera um livro publicado naquela Coleção mencionada. Alcides afirmava que talvez só estivesse “morta” a “poesia fala”, a poesia declamada, o “sarau”. Segundo ele, a poesia não devia ser apenas lida com os olhos, mas em voz alta. Por conta disso, até hoje digo aos meus alunos que a poesia é como uma partitura que precisa ser bem tocada para que o sentido dela seja valorizado. A terceira entrevista foi a mais curiosa porque tentava trazer para as discussões da revista as relações entre música (o rock, especificamente) e a poesia. Conversei com Glauco Matoso, poeta irreverente que trouxe contribuições substanciais. Fiz uma última entrevista, muito valiosa para mim, mas que permaneceu inédita. Nela, o professor de cinema da ECA, Jean Claude Bernardet, refletia sobre o “roteiro cinematográfico” como forma literária e avaliava as diversas tentativas de se levar o texto de ficção e a poesia para as telas. Quando a revista acabou, senti que,

particularmente, tinha ganhado muita experiência, afinal, tinha, pelo menos, enfrentado a minha timidez ingênita...

DCS: Essa revista foi uma resposta dos alunos ao fim da ditadura?

MAM: A primeira afirmativa, na "Apresentação" de *Advenis*, era: "Queremos uma revista... o pior é que precisamos de uma revista." Visceralmente literária (em termos de produção e crítica), o periódico também refletia os eventos de seu tempo. Lincoln Secco, atualmente professor de História da USP, publicou nela um pequeno necrológico de Luiz Carlos Prestes, "o homem que lutou pelo bem e pela justiça e que acreditou na realização destes valores no comunismo". O diálogo proposto por *Advenis*, aliás, transcendia a Universidade. Em uma ocasião, por exemplo, fui com o Elias até o MASP, para acompanhar as palestras dos escritores Adélia Prado e Chico Alvim, com a intenção de escrever reportagens. Embora o periódico não definisse o perfil de um "grupo", acredito que tenha "formado" seus participantes. Publicar textos é uma experiência muito enriquecedora para o aluno. Aliás, conservei em meu arquivo algumas revistas da época...

DCS: Você se formou em 1991, e começou seu mestrado logo em seguida?

MAM: Formado, desejei conhecer a França. Inscrevi-me no programa de intercâmbio cultural que a Associação de Professores de Francês promovia (e, felizmente, ainda promove). A professora Telê, sempre preocupada com a formação de seus orientandos, incentivou-me também a fazer um estágio no Instituto de Textos e Manuscritos Modernos do CNRS de Paris, para um aperfeiçoamento teórico e metodológico no campo das pesquisas sobre a correspondência, estudo que já havia iniciado ao investigar a vasta epistolografia de Mário de Andrade, sob a sua orientação no IEB. O empenho de Telê e as boas relações entre o ITEM e Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário da USP, dirigida pelo professor Philippe Willemart, permitiram que a instituição francesa me acolhesse como estagiário. Fiquei um mês em Aix-en-Provence vivendo a disponibilidade da juventude na Cours Mirabeau e nas salas de aula da Universidade; em seguida, instalei-me em Paris, por mais três meses, onde pude trabalhar no ITEM com a Equipe Émile Zola, que organizava, desde algum tempo, a publicação das cartas do escritor naturalista. Essa oportunidade foi o evento mais decisivo em minha formação, no terreno dos estudos da correspondência. Minha tarefa era colaborar na preparação de textos que poderiam virtualmente fazer parte das notas de pesquisa das cartas que cobriam o período do conhecido *Affaire Dreyfuss*. Zola havia recebido muitas cartas

de advogados e juristas brasileiros em apoio a seu famoso libelo. Meu trabalho era traduzir esses documentos, escritos em português, para o francês. A sobrinha-neta de Zola, que lia e comentava todas as minhas traduções, muitas vezes enxergava algum exagero nos meus textos, mas aquelas cartas eram mesmo escritas em um tom allissonante, gordas de retórica e de subserviência apaixonada. Nesse momento, pude conhecer as principais obras teóricas que focalizam a epistolografia francesa e o preparo de edições de correspondência. Conheci renomados pesquisadores do tema, como Collete Becker, Jean Pierre Leduc-Adine, Loic Chotard etc. Eu havia encontrado o meu caminho intelectual, ao descobrir as possibilidades do estabelecimento de uma dialética entre o texto literário e aquilo que ficou nos bastidores, a correspondência. Quando eu retornei ao Brasil, comecei as pesquisas do mestrado orientadas pela professora Telê. Pretendia reconstituir o diálogo epistolar de Manuel Bandeira e Mário de Andrade, em uma edição anotada, nos moldes da correspondência de Zola, as chamadas "belles noites". Esse "discurso de escolta" (C. Becker) pretende fornecer ao leitor uma ambiência cultural, tão completa quanto possível, que as cartas, sozinhas, não podiam propiciar. Esse trabalho renderia um novo desenvolvimento, minha tese de doutoramento orientada pelo Prof. Luiz Roncari, focalizando o projeto pedagógico presente na correspondência de Mário.

DCS: Em que ano você defendeu sua tese de doutoramento?

MAM: Em 2002, e meu mestrado em 1997.

DCS: Em que ano você começou a dar aulas na FFLCH?

MAM: A minha contratação na Faculdade como professor deve-se, em grande parte, à greve dos alunos de 2002. Eu cumpria um Claro temporário, no lugar da Profa. Yudith, que se encontrava em licença-maternidade, quando a "greve dos 100" dias iniciou. Minhas turmas eram enormes, não cabiam nas salas de aula. Foi uma experiência pedagógica muito difícil... Logo em seguida, resultado da mobilização estudantil, a área de Literatura Brasileira pôde abrir concurso para preencher duas vagas. Entramos Hélio Guimarães e eu.

DCS: Como você compara a Faculdade de hoje com a Faculdade de 15 anos atrás?

MAM: Percebo hoje maior sociabilidade e a participação mais clara dos estudantes de Letras nos destinos da educação e da sociedade brasileira. Há novos campos de pesquisa, como é o caso da epistolografia, do manuscrito literário, dos estudos culturais (sérios). As bolsas de Iniciação Científica agora são em maior número, favorecendo o diálogo entre professor e

aluno. Valorizo, ainda, as opiniões corajosas do professor Antonio Dimas na entrevista dada a você recentemente...

DCS: E como você compara o curso de Letras hoje com aquele que você fez?

MAM: Eu acho que as mudanças estruturais no curso de Letras, com o estabelecimento do Ciclo Básico, devem ser pensadas sob duas perspectivas. Por um lado, a evasão diminuiu bastante e a Faculdade de Letras não é mais a porta de entrada para aqueles que desejavam apenas usufruir o CEPEUSP. Por outro, acredito que os cursos de língua fica-

ram prejudicados, tendo de concentrar todo o conteúdo programático em três anos. Como se sabe, o aprendizado consistente de uma língua estrangeira se dá em um processo lento, reflexivo, crítico. Eu me pergunto se ainda hoje é possível, como antes, ter no quarto ano alunos que apresentem seminários sobre Proust, em francês. É preciso pensar um projeto pedagógico que não comprometa esses cursos de línguas estrangeiras. Uma última opinião, estendendo o meu olhar para o futuro: sou contra a diminuição do número de vagas de nosso curso. Conquistas democráticas devem ser conservadas e ampliadas...

ENTREVISTA COM RAFAEL MARQUESE

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor do Departamento de História.

Daniel Cantinelli Sevillano: Eu queria que você me falasse um pouco sobre sua formação acadêmica.

Rafael Marquese: Entrei no curso de História em 1990, e ingressei logo após ter terminado o colegial. História foi minha primeira opção. É interessante que grande parte dos meus colegas hoje, foram meus professores; há uma proximidade grande por causa disso. Sou totalmente prata da casa: fiz graduação, mestrado e doutorado no Departamento de História. Dos professores que entraram depois da Greve de 2002, quatro deles são da turma de 90: eu, João Paulo Garrido Pimenta, Lincoln Secco e Gabriela Pellegrino Soares. No IEB, entraram dois professores que também são dessa turma: Monica Dantas e Paulo Iumatti. Todos nós, e acho que isso tem a ver com um traço de geração, entramos na Faculdade quando já havia um sistema de bolsas consolidado. Todos fizeram Iniciação Científica, ou com bolsa da FAPESP ou do CNPq. Fizemos uma carreira rapidamente por conta da profissionalização precoce, com pesquisas que começaram na Iniciação Científica e se expandiram para a pós-graduação. Isso deriva muito, pela minha leitura, do que aconteceu a partir dos anos 70, com a difusão dos cursos de pós-graduação da História. A minha geração pegou o bonde andando, com a institucionalização da pós já consolidada.

DCS: Quando você se formou?

RM: Eu fiz a graduação de 1990 a 1993. Em 1994, entrei no mestrado, que defendi em 1997, e o doutorado foi deste ano a

2001. A Greve estudantil aconteceu justamente quando eu estava terminando o meu doutorado, então a experiência profissional que eu tive no ensino superior fora da USP foi um ano na PUC e em uma faculdade particular em Osasco. Eu posso considerar então o início de fato da minha carreira profissional aqui na FFLCH. Portanto, é uma trajetória profissional na qual eu não tenho o distanciamento de tempo necessário para poder avaliar com precisão a instituição. O pouco tempo entre ser aluno e ser professor me leva a enxergar o departamento um pouco através da minha óptica de estudante, especialmente de estudante de pós-graduação.

DCS: Como você vê a Greve de 2002?

RM: Uma coisa muito positiva desse movimento de 2002 foi a renovação do quadro dos professores. Desde 2000, quando ocorreram algumas contratações, houve a renovação de cerca de 1/3 do departamento. Isso é muito bom porque se criou um espaço institucional para receber os novos professores. Por outro lado, houve uma receptividade muito boa por parte do Departamento de História, abrindo espaço para o cadastro de novas linhas de pós-graduação, para a participação nas instâncias decisórias, etc. Parece que o pessoal da "antiga" recebeu de braços abertos esse pessoal que entrou depois da Greve dos alunos.

DCS: Você participou do Movimento Estudantil quando aluno?

RM: Não, eu não participei, apenas acompanhava, até porque era um momento de refluxo do ME, porque o movimento havia

se desestruturado muito nos anos 80. A passagem da década de 80 para os anos 90 foi muito complicada para o ME, até o processo de *impeachment* do Collor. Acho que foi a partir daí que ele passou a se reorganizar. Estava no 3º ano do curso, e participei daquelas passeatas, mas não havia um Movimento Estudantil muito articulado dentro da Universidade, ou seja, voltado para a crítica universitária. E a partir dessa rearticulação a universidade volta para o centro de debate dos estudantes.

DCS: Como era o curso naquela época?

RM: Não havia disciplinas básicas no primeiro ano; o ingressante podia se matricular em qualquer disciplina. Não havia uma grade curricular pré-estabelecida. Por conta disso, no primeiro ano tive aula com alunos do quarto ano. Isso foi bom e ruim: bom porque eu entrei no olho do furacão e tive que acompanhar discussões mais avançadas, e ruim porque não havia uma organicidade do curso. Parece que depois que saiu isso mudou, porque agora há a sugestão do semestre ideal. Foi um curso bastante livre nesse aspecto.

Muitas das disciplinas obrigatórias eram monográficas, ligadas

diretamente à pesquisa dos docentes; isso mudou, pois há o consenso de que as disciplinas obrigatórias devem ser panorâmicas, e não monográficas. Havia uma disponibilidade muito grande de matérias optativas, e as salas não eram lotadas como hoje; cheguei a fazer cursos optativos com quatro ou cinco alunos. Hoje faltam matérias optativas, por conta do gargalo que se criou com a falta de professores.

DCS: Você teve aulas nesse prédio?

RM: Sim, e isso é bem interessante. Eu me formei aqui, fui aluno de universidade pública, e isso criou em mim um sentimento de afetividade com esse espaço, e daí vem meu desejo em defender esse espaço público, em defender a universidade pública. Eu sinto que esses professores novos, que se formaram aqui, 'vestem' a camisa da instituição.

Creio que se pode usar a expressão 'filhos da greve' para designar esses professores que entraram depois do término da greve de 2002, e que foram muito bem recepcionados pelos professores e pelos alunos e que trouxeram consigo a abertura de novas linhas de pesquisa e de pós-graduação.

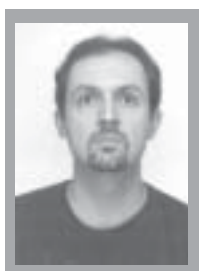
ENTREVISTA COM JOÃO PAULO GARRIDO PIMENTA

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

O entrevistado é professor do Departamento de História.



Daniel Cantinelli Sevillano: Como foi o seu curso de graduação?

João Paulo Garrido Pimenta: Eu fiz minha graduação em História na USP entre 1990 e 1993, e o curso era bem diferente do que ele é hoje, em vários sentidos. Em linhas gerais, era um curso pior do que o que existe hoje: era mais desorganizado, com professores e estudantes menos articulados entre si, a biblioteca era um caos e praticamente não existia iniciação científica.

Mas a grande marca distintiva daqueles tempos, para mim, era a excessiva personalização das matérias, ou seja, elas eram muito a "cara" do professor. De negativo, isso implicava uma associação exclusivista entre uma área da História e a pesquisa específica tocada pelo professor daquela área, o que acarretava uma idéia de que nesse departamento as coisas só eram possíveis quando feitas em estrita vinculação com o professor. Parece que os professores vinham antes das

matérias, e as áreas se restringiam às áreas de pesquisa dos professores. Hoje, se esboça uma consciência de que alguns conteúdos, algumas leituras, alguns objetivos devem ser comuns, independentemente de quem sejam os professores. Antes, cada professor lecionava especificamente o que bem entendia, e os alunos eram introduzidos no universo da reflexão historiográfica já pela especialização, sem haver uma articulação entre especialização e generalização. Hoje, essa articulação é possível pela difusão da Iniciação Científica.

No entanto, apesar da leitura negativa que faço daqueles anos, não posso deixar de notar que foram os anos que consolidaram meu gosto pelo ofício de historiador, minha própria escolha de ser professor e pesquisador de História. Mas isso, claro, não se deve apenas a condições objetivas do curso, senão a uma mescla com elementos ligados à minha trajetória pessoal de vida.

DCS: As salas de aula eram lotadas naquele tempo?

JPGP: Não, exceção feita a um ou dois professores mais ba-

dalados, que sempre existem. As salas eram mais vazias, havia menos alunos por professor e por disciplina, mas isso não implicava, diretamente, ganho de qualidade. O cenário tinha um ar de solidão, um ar desolador justamente porque parecia que as coisas não tinham liga. Um professor desinteressado o é tanto numa classe de cinco alunos como numa de cem. O importante é que bons professores e bons alunos tenham condições adequadas de desempenharem seus papéis dentro da universidade e, apesar do cenário catastrófico pré-2002, ultimamente também isso tem melhorado

DCS: Imagino que formar um grupo de colegas devia ser bem complicado.

JPGP: Sempre houve iniciativas isoladas de formação de grupos, mas eram atitudes de exceção. Eu mesmo participei de alguns grupos de estudos durante a minha graduação, de início sem vínculo algum com professores; tratavam-se de reuniões de amigos que sentiam a necessidade de “algo mais” nos seus estudos, e que não encontravam-no nos cursos de graduação. Nós procurávamos aprofundar leituras e discussões, e isso era muito bom; no meu caso, participei de alguns grupos voltados para a Teoria da História.

Para você ter uma idéia, quando comecei a fazer Iniciação Científica, no final da graduação, existiam apenas três ou quatro grupos desse tipo neste Departamento, e eram grupos de dimensão reduzida, com quatro, cinco ou seis alunos. Eu fiz parte de um desses grupos, orientado pelo meu mestre, o professor István Jancsó, mas era uma iniciativa que se mostrava como uma exceção naquele cenário, muito diferente do que acontece hoje.

É possível que a quantidade de bolsas de pós-graduação fosse maior naquela época, ou, pelo menos, a concorrência fosse menor. Hoje nós vivemos um momento de crise, em que as agências federais apenas esboçam alguns sinais de recuperação. O estrangulamento da CAPES e do CNPq ocorrido na década de noventa levou a uma explosão de pedidos de bolsa nas agências estaduais de pesquisa, como a nossa Fapesp. Mas no tocante à iniciação científica, me parece que hoje em dia as oportunidades de bolsa são maiores do que antes, justamente porque o crescimento da demanda tem encontrado algum respaldo por parte das agências. Eu fiz a minha iniciação sem bolsa, e tive a sorte de encontrar um professor competente, disponível e interessado nessa minha demanda individual, e foi fundamental a oportunidade que ele me ofereceu de trabalhá-la, desde então, em meio a um grupo de pesquisa.

DCS: Você participava do Movimento Estudantil?

JPGP: O Movimento Estudantil, na minha época, praticamente não existia. Claro que haviam algumas iniciativas por

parte dos estudantes, sobretudo para montar chapas de disputa à presidência do Centro Acadêmico, mas na prática ele não existia. Era impensável naquela época um movimento como a Greve de 2002; não existiam articulações cruzadas entre estudantes e professores que possibilitassem um movimento como o de 2002. Se você me perguntar o porquê disso, eu só posso te oferecer algumas hipóteses. Parece que os anos 90 se iniciaram dando continuidade a uma crise de paradigmas, não só intelectuais, mas também no pensamento e na prática política de esquerda nesse país. Eu acho que grande parte da responsabilidade recai sobre os anos da ditadura militar, ou seja, a abertura negociada, que culminou com as eleições de 1985, cujos efeitos negativos foram sensíveis à Universidade. O que ocorria no começo dos anos 90 era uma espécie de falta de norte, uma generalizada perplexidade por parte das pessoas diante da consciência de que era preciso fazer algo politicamente, mas sem que se soubesse muito bem por onde.

Hoje, em 2005, já há uma experiência pretérita acumulada daquela época, e que tem rendido bons frutos. Pode, é claro, render muitos mais.

DCS: Você sentiu alguma mudança no Movimento Estudantil após o *impeachment* do Collor?

JPGP: Para ser sincero, não percebi nenhum ímpeto estudantil dentro da Universidade, nessa época, tampouco um desenvolvimento de tal movimento a partir da queda de Collor. Talvez isso queira dizer alguma coisa sobre a própria natureza do *impeachment*, mas acho que essa é uma outra discussão.

DCS: Você iniciou seu mestrado logo após o término do seu curso?

JPGP: Não, eu levei mais dois anos para concluir o curso de licenciatura, e o período entre 1994 e 1995 foi muito importante para mim porque, em primeiro lugar, eu amadureci a idéia de que queria fazer uma pós-graduação; em segundo lugar, amadureci a idéia de que queria ser, além de ser pesquisador, professor de História. Nesses anos, eu trabalhava com a documentação do DEOPS no Arquivo do Estado, no início da organização desse arquivo. Era um arquivo inédito para os historiadores, que até então só tinha sido manuseado por agentes da ordem repressiva.

Eu entrei no mestrado em 1996, com essa bagagem que me foi dada pelo bacharelado, pela licenciatura, pela iniciação científica e também pelo meu trabalho no Arquivo do Estado. Terminei o mestrado em 1998, e defendi a dissertação em 1999. Tive uma bolsa até agosto de 1998, quando então comecei a dar aulas.

DCS: E seu doutorado?

JPGP: Comecei logo em seguida à defesa do mestrado, e fiquei dois anos sem bolsa, lecionando em universidades privadas. Quando consegui uma bolsa da FAPESP, deixei temporariamente a sala de aula para me dedicar integralmente à pesquisa, concluída com muita satisfação em 2003.

DCS: Você acompanhou a Greve de 2002?

JPGP: Sim, acompanhei. Durante uma parte desse movimento, eu estava em Buenos Aires, realizando parte do doutorado. Eu participei da Assembléia de Estudantes de Pós-Graduação que, esvaziada como todas as assembleias de estudantes de pós desse departamento (porque não há nenhuma articulação entre esses estudantes), foi decidida a adesão da pós. Claro que uma greve de alunos de pós contém uma série de particularidades, influenciando muito pouco a vida da Universidade. Mesmo em greve, ninguém deixou de fazer suas pesquisas, e infelizmente o movimento não pareceu despertar grande interesse da maioria dos – muitos – mestrandos e doutorandos desse departamento. Para mim, contudo, ele foi muito marcante, bem como para a própria história dessa Faculdade. Ainda que muitos dos participantes diretos tenham, à época, se sentido frustrados com o seu encerramento “prematureo”.

Eu digo que é uma honra ter me tornado professor desta Universidade, na qual fiz toda a minha carreira acadêmica, em consequência direta das conquistas de um movimento genuinamente estudantil, pois foi numa das vagas para professor por ele obtidas que pude prestar o concurso público no qual fui aprovado.

DCS: O que você espera da Faculdade agora que vai iniciar sua carreira como professor da USP?

JPGP: Eu espero que o Departamento de História siga sendo

um departamento cada vez melhor, com aperfeiçoamento do nível de professores e alunos, e com a conseqüente progressão da qualidade – que já é altíssima – das atividades que surgem da mescla de suas dedicações.

Vou te dar um dado interessante: quando eu prestei o vestibular em 1989, a relação de candidatos/vaga para o curso de História era de menos de quatro candidatos por vaga. Hoje, essa relação já está em 14. Houve também uma expansão, mesmo que tímida, de vagas, o que mostra que não há nenhuma dúvida de que a procura cresceu. Não sei se isso significa uma qualificação melhor dos estudantes que entram aqui; mas significa, certamente, uma *possibilidade* de seleção e formação cada vez mais consistentes. Por outro lado, isso impõe que continue se expandido as vagas nos cursos de graduação, sobretudo porque a USP ainda recebe um grande número de alunos egressos do ensino público (o que contraria um dos principais argumentos dos que defendem a privatização da universidade, de que ela é “elitista” em termos sócio-econômicos. A universidade deve ser elitista, no sentido de que deve abrigar sempre os melhores estudantes. Não tenho nenhuma dúvida quanto a isso. Ela deve ter um caráter meritocrático, mas mérito não é sinônimo de poder aquisitivo). Para finalizar, eu queria falar duas coisas sobre minhas expectativas em relação ao futuro da Universidade como um todo. Em primeiro lugar, eu espero que a USP possa ser um bastião da resistência contra as tendências privatistas neste país, e que cada vez mais se voltam para uma das coisas menos mercantilizáveis que existem: a educação. Em segundo lugar, eu gostaria muito que a USP continuasse a exercer um papel de atração de ponta no ensino e na pesquisa em termos nacionais, mas que ela gerasse cada vez mais desenvolvimentos regionais seguros e estáveis. A pós-graduação do nosso departamento forma doutores para outras universidades, e isso é uma coisa positiva, mas eu gostaria que isso pudesse se voltar diretamente para o subsídio do desenvolvimento da formação de quadros em outras universidades e em outros estados.

ENTREVISTA COM MONICA DANTAS

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

ALUNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM PROJETO SOBRE OS 70 ANOS DA FFLCH

SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR SEDI HIRANO

A entrevistada se formou em História pela FFLCH e é pesquisadora no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Daniel Cantinelli Sevillano: Gostaria que você me contasse sobre sua formação acadêmica.

Monica Dantas: Eu entrei no curso de História, em 1990. Eu resolvi fazer História aos 12 anos de idade. Na minha época, as matérias de primeiro ano não eram definidas, como são agora. Você montava seu próprio curso, o que era muito engraçado, porque, às vezes, um calouro só conseguia se ma-

tricular numa disciplina que só tinha veteranos.

No 2º ano, eu tive aulas de Brasil Independente I com a professora Maria Odila Leite da Silva Dias. Depois de uns dois meses de aula fui conversar com ela sobre história da Bahia e documentação; terminei por apresentar, sob sua orientação, um projeto de Iniciação Científica para a FAPESP no segundo semestre de 1991. Naquele ano, em julho, fiquei na Bahia fazendo a pesquisa documental. A Iniciação foi muito importante. Tive bolsa nos anos de 1992 e 1993, e logo em seguida ingressei no mestrado, mudando depois para o doutorado direto.

Durante a minha graduação tive aula com a professora Ilana Blaj. Sua morte foi uma perda tremenda. Ela era uma professora exemplar; sua dedicação para com os alunos era uma coisa espantosa. As aulas eram absolutamente lotadas. Sua morte foi um choque para todos os ex-alunos. O contato dela com os alunos era muito legal.

Eu acho bem interessante, no curso que eu fiz e no curso que existe hoje, a liberdade que o aluno tem, hoje a partir do segundo ano, de construir seu próprio conhecimento, ou seja, a liberdade que ele tem de escolher as disciplinas que se relacionam com aquilo que ele quer estudar. Quanto a isso, eu não tenho nenhum tipo de ressalva; as dificuldades do primeiro ano foram plenamente compensadas por essa experiência da grade aberta.

DCS: As turmas eram mais difusas do que são hoje.

MD: Bem mais. Depois de um ou dois anos, você formava um grupo de amigos e daí vocês procuravam se inscrever nas mesmas disciplinas com os mesmos professores, mas isso ocorria à revelia da grade curricular.

Nesse grupo do qual eu fazia parte, a maioria fez Iniciação Científica ou foi para a pós-graduação depois de formada.

DCS: Qual sua relação com o Movimento Estudantil?

MD: Eu nunca tive muito contato, mas conhecia uma série de pessoas que faziam parte do Movimento Estudantil. Eu não lembro em que ano isso ocorreu, mas o Centro Acadêmico resolveu criar uma revista e eu participei das reuniões; minha ligação com a faculdade era mais acadêmica, com esse grupo de estudantes que mencionei antes.

DCS: Você percebeu alguma mudança no Movimento Estudantil com o Governo Collor e o processo do *impeachment*?

MD: Eu lembro que o ME era bem ativo; eles entravam nas salas de aula para chamar os alunos para as discussões e para participar de passeatas e mobilizações. Acho que o ME estava procurando o seu caminho, o seu caminho de atuação.

O Movimento tem que servir como elo de discussão entre a política nacional e a política da universidade.

DCS: Você não é professora do Departamento de História, mas pesquisadora no Instituto de Estudos Brasileiros. Há um acordo entre o IEB e o DH para que pesquisadores daqui dêem aulas no curso de História?

MD: Aos pesquisadores dos Institutos Especializados e Museus, devido a uma mudança regimental da USP, que aconteceu, acho eu, em 1996 (não me lembro exatamente) foi atribuída a mesma carga didática de todos os outros professores da USP; antes a carga didática era diferente. No nosso caso, o pesquisador pode dar disciplinas optativas pelo próprio instituto, mas existe um protocolo entre o IEB e a FFLCH para que os docentes do IEB ofereçam também disciplinas onde haja maior demanda; no meu caso, eu dou aulas no DH. Além disso, o Instituto não possui programa de pós-graduação; por isso, os docentes do IEB estão cadastrados em programas de outras unidades.

DCS: Qual sua opinião sobre a FFLCH hoje, mais de 10 anos depois de você ter concluído seu curso de graduação?

MD: Quando entrei na faculdade tive a oportunidade de fazer disciplinas com uma série de professores que vieram a se aposentar pouco depois. Esses professores, com anos de carreira – em pesquisa e docência – são uma dívida para os alunos. Muitos dos meus ex-professores, claro, continuam ligados ao departamento, dando aulas de graduação. Outros, ainda que aposentados, permanecem oferecendo disciplinas de pós-graduação e continuam a orientar mestrados e doutorados.

Por outro lado, acho que o departamento se enriqueceu com a existência e a convivência, hoje em dia, desses professores mais antigos com uma safra nova que ingressou na USP nos últimos anos.

DCS: Como foi seu curso de pós-graduação? Qual o tema de sua pesquisa?

O ingresso no mestrado foi quase um desdobramento natural do meu trabalho de Iniciação Científica, ainda que, como não poderia deixar de ser, o tema e o escopo da pesquisa tenham se alterado bastante. Meu contato com a pós-graduação começou, na verdade, antes mesmo de terminado o curso de graduação. No segundo semestre de 1993, o Prof. Stuart Schwartz veio ao Brasil para ministrar uma disciplina de pós. Na época consegui uma autorização especial para assistir (matriculada) à disciplina, o que foi muito interessante sob vários aspectos. Primeiro, sem dúvida, permitiu que eu pudesse

acompanhar uma disciplina de um fantástico historiador especializado em Bahia e, em segundo lugar, me colocou já em contato com o trabalho dos pós-graduandos.

Eu ingressei na pós, em História Social, ainda com os prazos antigos, assim tive oito anos para desenvolver meu doutorado. Ainda que as disciplinas sejam fundamentais para a formação dos pós-graduandos, é necessário destacar que o processo de pesquisa e escrita, em contato contínuo com o orientador, é sem dúvida a parte mais gratificante do trabalho. Nesse sentido, devo minha formação à dedicação da professora Maria Odila, que se fez sempre presente e solícita em todas as etapas do trabalho.

Em minha tese de doutorado trabalhei com a formação do arraial de Canudos. A partir do estudo de uma comarca específica da Bahia ao longo do século XIX – onde não só a figura do Conselheiro foi muito presente, mas também habitava um dos principais políticos que tiveram destaque na política baiana durante a guerra e, finalmente, de onde saiu grande parte dos migrantes para Canudos – pude acompanhar as transformações econômicas, sociais e políticas que afetavam a população como um todo (de escravos, homens livres pobres, índios até grandes fazendeiros) e, dessa maneira, entender melhor a conjuntura sócio-política da formação do arraial.

EVENTO

FFLCH REALIZA SIMPÓSIO INTERNACIONAL COM A UNIVERSIDADE SOPHIA

POR DANIEL CANTINELLI SEVILLANO

No dia 04 de março, realizou-se na Casa de Cultura Japonesa o Simpósio Internacional *GLOBALIZAÇÃO: ANÁLISE COMPREENSIVA A PARTIR DA PERSPECTIVA LOCAL E REGIONAL*, um evento conjunto da Universidade de São Paulo e da Universidade Sophia, do Japão.

O Simpósio foi dividido em duas sessões: de manhã, as palestras tiveram como tema a Visão Global da Globalização; de tarde, o tema foi a Visão Local e Regional da Globaliza-

ção. As duas sessões contaram com palestrantes tanto da USP como da Universidade Sophia.

O Diretor da FFLCH, professor Sedi Hirano, abriu o Simpósio com a palestra *América Latina e os Países Asiáticos: Estudo Comparado dos casos do Brasil, México, Coreia e China, focalizando desigualdade e pobreza*. O professor Sedi também participou do encerramento do evento, que contou com a presença de 143 inscritos.

DOUTORADOS

ABRIL/2005

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Candidato: Edgar Teodoro da Cunha

Programa: Antropologia Social

Título: "Imagens do contato - representações da alteridade e os bororós do Mato Grosso".

Orientadora: Profa. Dra. Sylvia Maria Caiuby Novaes

Banca: Profs. Drs. John Cowart Bawsky (FFLCH); Dominique Tilkin Gallois (FFLCH); Clarice Ehlers Peixoto (UERJ); Regina Polo Müller (UNICAMP)

Data/Local: 05.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Candidato: Marcos Aurélio da Silva

Programa: Geografia Humana

Título: "Gênese e dinâmica competitiva da indústria de equipamentos elétricos do sul do Brasil".

Orientadora: Profa. Dra. Armen Mamigonian

Banca: Profs. Drs. Sérgio Buarque de Hollanda Filho (FEA); Tânia Maria Fresca (UEL); Francisco Capuano Scarlato (FFLCH); Heinz Dieter Heidemann (FFLCH)

Data/Local: 07.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Candidato: Luis Antonio Coelho Ferla

Programa: História Econômica

Título: "Feios, sujos e malvados sob medida - do crime do traba-

lho, a utopia do biodeterminismo em São Paulo (1920-1945)".
Orientadora: Profa. Dra. Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura
Banca: Profs. Drs. Tânia Regina de Luca (UNESP); Fernando Alonso Salla (Univ. São Francisco); Maria Helena Capelato (FFLCH); Marcos César Alvarez (FFLCH)
Data/Local: 08.04.2005 às 09h - Sala de Defesas, 116

Candidato: Mozart Vergetti de Menezes
Programa: História Econômica
Título: "Colonialismo em ação. Fiscalismo, economia e sociedade na Capitânia da Paraíba (1647-1755)".
Orientador: Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda
Banca: Profs. Drs. Laura de Melo e Silva (FFLCH); Pedro Luis Puntoni (FFLCH); Ida Lewkowkis (UNESP); Regina Célia Gonçalves (UFPB)
Data/Local: 08.04.2005 às 09h - Sala de Defesas, 116

Candidata: Vera Lúcia Travençolo Muniz
Programa: História Econômica
Título: "História e meio-ambiente: Porto Seguro em perspectiva histórica".
Orientador: Prof. Dr. José Jobson de Andrade Arruda
Banca: Profs. Drs. Ana Lúcia Amaral Ferlini (FFLCH); Eduardo Marques Mauro (FFLCH); Valdeir Rejanildo Vidrik (USC); Newton Paulo Bueno (UF Viçosa)
Data/Local: 01.04.2005 às 14h - Sala de Eventos, 124

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Candidata: Vima Lia de Rossi Martin
Programa: Estudos Comparados de Lit. de Língua Portuguesa
Título: "A evocação da marginalidade: Um estudo sobre Malagueta, Perus e Bacanaço, de João Antônio Luuanda, de Luandino Vieira".
Orientador: Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior
Banca: Profs. Drs. Rita Cássia de Natal Chaves (FFLCH); Tânia Celestino de Macêdo (FFLCH); Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC-MG); Silvio Renato Jorge (UFF).
Data/Local: 01.04.2005 às 14h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Candidata: Alzira Leite Vieira Allegro
Programa: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês
Título: "Mansfield e Lispector: diálogos (des)concertantes".
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos
Banca: Profs. Drs. Regina Lúcia Pontieri (FFLCH); Yudith

Rozenbaum (FFLCH); Maria Clara Bonetti Paro (UNESP); Maria Lúcia de Barros Camargo Andalo (UFSC)
Data/Local: 04.04.2005 às 14h30 - Salão Nobre, 145

Candidata: Joyce Rodrigues Ferraz
Programa: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana
Título: "O lugar do esperpento: Valle-Inclán como encenador no contexto do teatro moderno europeu"
Orientador: Prof. Dr. Mário Miguel Gonzalez
Banca: Profs. Drs. Maria Augusta da Costa Vieira (FFLCH); Maria Silvia Betti (FFLCH); Eduardo Peñuela Cañizal (ECA); Antonio Roberto Esteves (UNESP)
Data/Local: 01.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

Candidata: Juliana Pasquarelli Perez
Programa: Língua e Literatura Alemã
Título: "Office Gedichte: eine Studie über Paul Celans die niemandsrose".
Orientador: Prof. Dr. Georg Bernard Sperber
Banca: Profs. Drs. Norval Baitello Júnior (PUC-SP); Helmut Paul Erich Galle (FFLCH); Paulo Astos Soethe (UFPR); Élcio Loreiro Cornelsen (UFMG)
Data/Local: 07.04.2005 às 14h - Sala de Professores, 114

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

Candidata: Daniela Fregonese Bragazza
Programa: Semiótica e Lingüística Geral
Título: "Sublimes pormenores: escolhas lexicais privilegiadas a composição das personagens e das temáticas em contos de Machado de Assis".
Orientadora: Profa. Dra. Zilda Maria Zapparoli
Banca: Profs. Drs. Elisabeth Harkot de-La-Taille (PUC); Elisa Guimarães Pinto (FFLCH); João Martins Ferreira (FAC-FITO); Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi (UNICAMP)
Data/Local: 04.04.2005 às 09h - Salão Nobre, 145

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Candidata: Mônica Rugai Bastos
Programa: Sociologia
Título: "O espelho da nação: a cultura como objeto de política no governo de Fernando Henrique Cardoso".
Orientador: Prof. Dr. Brasília João Sallum Júnior
Banca: Profs. Drs. Maria Arminda do Nascimento Arruda (FFLCH); Waldenyr Caldas (ECA); Miguel Wady Chaia (PUC-SP); Renato José Pinto Ortiz (UNICAMP)

Data/Local: 06.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

Candidato: Robson Mezadri

Programa: Sociologia

Título: "Desencantamento e paixão na sociologia weberiana".

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Bruni

Banca: Profs. Drs. Lisias Nogueira Negrão (FFLCH); Gabriel Cohn (FFLCH); Richard Miskolci Escudeiro (UFSCAR); Eliana Maria de Melo Souza (UNESP)

Data/Local: 04.04.2005 às 14h - Sala de Defesas, 116

MESTRADOS

ABRIL/2005

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Candidato: Jaadiel Rocha dos Santos

Programa: Filosofia

Título: "Espaço e tempo - metafísica e teologia natural na correspondência com Clarke".

Orientador: Prof. Dr. Pablo Rubén Mariconda

Banca: Profs. Drs. Caetano Ernesto Plastino (FFLCH); Maurício de Carvalho Ramos (s/ lotação)

Data/Local: 19.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Candidato: Domingos Sávio Correa

Programa: Geografia Humana

Título: "O movimento de fusões e aquisições de empresas e o processo de privatização e desnacionalização na década de 1990 - o caso brasileiro".

Orientadora: Profa. Dra. Armen Mamigonian

Banca: Profs. Drs. André Roberto Martin (FFLCH); Sérgio Buarque de Hollanda Filho (FEA)

Data/Local: 04.04.2005 às 09h - Sala de Reuniões, 141

Candidato: Elias Marco Khalil Jabbour

Programa: Geografia Humana

Título: "Infra-estruturas em energia e transportes e crescimento econômico na China"

Orientadora: Profa. Dra. Armen Mamigonian

Banca: Profs. Drs. André Roberto Martin (FFLCH); Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo (UNICAMP)

Data/Local: 06.04.2005 às 14h - Sala de Defesas, 116

Candidato: Sérgio Renato da Silva Magalhães

Programa: Geografia Humana

Título: "A espacialização e a territorialização do trabalho metropolitano em São Paulo".

Orientador: Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

Banca: Profs. Drs. Lea Francesconi (FFLCH); Ricardo Luiz Coltro Antunes (UNICAMP)

Data/Local: 04.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Candidato(a): André Custódio

Programa: Estudos Comparados de Lit. de Língua Portuguesa

Título: "Interferência da linguagem local em Sagarana e Luuanda"

Orientador: Prof. Dr. Carlos Moreira Henriques Serrano

Banca: Profs. Drs. Maria Aparecida Baccega (ECA); Benilde Justo Lacorte Caniato (FFLCH)

Data/Local: 11.04.2005 às 14h - Sala de Eventos, 124

Candidata: Cássia Panizza Batista

Programa: Filologia e Língua Portuguesa

Título: "A influência da linguagem dos chats em bilhetes trocados por alunas em sala de aula"

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia C. V. O. Andrade

Banca: Profs. Drs. Waldemar Ferreira Netto (FFLCH); Mercedes Fátima da Canha Crescitelli (PUC-SP)

Data/Local: 08.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Candidato: Edvaldo Sampaio Belizário

Programa: Língua e Literatura Italiana

Título: "A peste como figura de compaixão no I promessi sposi, de Alessandro Manzoni".

Orientadora: Profa. Dra. Vilma de Katinszky Barreto de Souza

Banca: Profs. Drs. Guiomar Fanganiello Calçada (FFLCH); Maria Teresa Arrigoni (UFSCar)

Data/Local: 11.04.2005 às 14h - Sala de Concursos, 122-A

Candidata: Maria Esther Reis Battistella

Programa: Língua e Literatura Francesa

Título: "La mise en scène enunciativa dos textos de predição".

Orientadora: Profa. Dra. Tokiko Ishihara

Banca: Profs. Drs. Lineide do Lago Salvador Mosca (FFLCH); Lúcia Peixoto Cherem (UFPR)

Data/Local: 04.04.2005 às 14h - Sala de Eventos, 124

Candidata: Rosemary Zanatta
Programa: Língua e Literatura Alemã
Título: "Tradução técnica e fraseologia: por um estudo integrado"
Orientador: Prof. Dr. João Azenha Júnior
Banca: Profs. Drs. Maria José Pereira Monteiro (UFRJ), Eva Maria Ferreira Glenk (USP).
Data/Local: 07.04.2005 às 14h - Sala de Eventos, 124

Candidata: Souza Mizan
Programa: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês
Título: "CNN Tv news of september 11th: a representation of reality or the reality of representation?"
Orientador: Prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza
Banca: Profs. Drs. Ana Maria Grammatico Carmagnani (FFLCH); Denise Bértoli Braga (UNICAMP)
Data/Local: 01.04.2005 às 09h30 - Sala de Concursos, 122-A

Candidato: Valter César Pinheiro
Programa: Língua e Literatura Francesa
Título: "A França em contos de Mário de Andrade"
Orientador(a): Profa. Dra. Regina Maria Salgado Campos
Banca: Profs. Drs. Maria Cecília Queiroz de Moraes (FFLCH); Maria Célia de Moraes Leonel (UNESP)
Data/Local: 08.04.2005 às 14h - Sala de Reuniões, 141

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Candidata: Gisela Kormes
Programa: Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica
Título: "Análise de tradução: verificação dos graus de distanciamento e de proximidade de elementos culturalmente marcados".
Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rosa Langer

Banca: Profs. Drs. Nancy Rozenchan (FFLCH); Vojislav Aleksandar Jovanovic (FE)
Data/Local: 04.04.2005 às 15h - Sala de Reuniões, 141

Candidata: Hilda Liberman
Programa: Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica
Título: "Recontando Salomão"
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nancy Rozenchan
Banca: Profs. Drs. Moacir Aparecido Amâncio (USP), Norma Grinberg (USP).
Data/Local: 07.04.2005 às 14h30 - Sala de Eventos, 124

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA

Candidato: Paulo Rogério Ferraz
Programa: Teoria Literária e Literatura Comparada
Título: "Depois de tudo a poesia brasileira contemporânea: fontes, aspectos e dois poetas Régis Bonvicino e Carlito Azevedo".
Orientadora: Profa. Dra. Viviana Bosi
Banca: Profs. Drs. Iumna Maria Simon (FFLCH); Célia Pedrosa (UFF)
Data/Local: 08.04.2005 às 14h - Sala de Eventos, 124

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Candidato: Mauricio Baptista Vieira
Programa: Teoria Literária e Literatura Comparada
Título: "A música da perda em Cecília Meireles".
Orientadora: Profa. Dra. Viviana Bosi
Banca: Profs. Drs. Alcides Villaça (FFLCH); Ana Maria Domingues de Oliveira (UNESP)
Data/Local: 01.04.2005 às 14h - Sala de Reuniões, 141

PRODUÇÃO DOS DOCENTES DA FACULDADE



DE RATIONIBUS EXORDIENDI: os princípios da história em Roma
Renato Ambrósio

Neste livro o leitor lerá sobre o surgimento de um determinado gênero de história em Roma nos *principia* (principios, prefácios, exórdios) dos autores que o introduziram nas letras latinas.

SBN: 85-98292-32-X
R\$20,00

DIÁLOGOS NA FALA E NA ESCRITA: Projetos Paralelos Vol. 7

Dino Preti (Org.)

Essa obra trata do problema do diálogo na língua falada e na escrita procurando mostrar algumas características ligadas aos gêneros textuais e sua especificidade nos textos mais variados.

ISBN: 85-98292-35-4

R\$25,00



NANOTECNOLOGIA, SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE - 1º Seminário Internacional

Paulo Roberto Martins (Coordenador)



ISBN: 85-98292-46-X

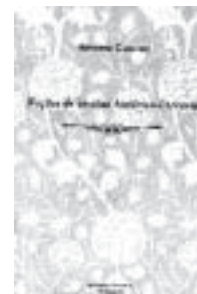
R\$25,00

Este livro traz o registro da primeira reflexão coletiva realizada no Brasil em um Seminário internacional com a presença de 19 cientistas oriundos das Ciências Exatas, Biológicas e Humanas. O seminário teve o intuito de tornar a Nanotecnologia objeto de reflexão das Ciências Humanas e constituir uma rede de pesquisa ocupada em investigar as relações entre Nanotecnologia, sociedade e meio ambiente. Esta nova tecnologia, que está baseada na matéria em escala atômica e celular, traz questões como as incertezas sobre a toxicidade das partículas nano e sua necessidade de uma específica regulação. O Seminário, foi dividido em 4 Mesas e nelas foram discutidas questões como: Informações do Ministério de Ciência e Tecnologia sobre a Nanociência e Nanotecnologia no Brasil; Relação entre inovação, Tecnologia e Economia. O papel da Nanotecnologia no Contexto do Desenvolvimento Sustentável; Impacto Ambiental

NOÇÕES DE ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA

Antonio Candido

O estudo da crítica textual na sala de aula de um primeiro ano de Letras representa mais uma vertente pioneira de Antonio Candido na universidade, em nosso país. Esta obra destinada ao curso de "Introdução dos estudos literários", da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em 1959. Detendo-se com rigor nas principais questões da crítica textual, vinculada a teoria ao estudo de casos, as aulas, além da cuidadosa apostila mimeografada, contavam com projeção de imagens e trabalhos práticos para sessões de estudo.



ISBN: 85-98292-18-4

R\$15,00



O PÂNTANO E O RIACHO: a formação do espaço público no Recife do séc. XIX

Raimundo Arrais

Por meio de fontes e temas muito diversificados e bem discutidos o autor nos mostra uma cidade se transformando em nome da técnica e redefinindo papéis e cenários para novos e velhos atores sociais. Como resultado das mudanças define-se o apagamento, senão o obscurecimento, da memória de uns sujeitos e a ênfase na memória de outros numa época em que Recife figurava como capital de uma província que buscava uma determinada inserção no conjunto do Império brasileiro e nas relações mundiais do capitalismo.

ISBN: 85-7506-090-5

R\$24,00

SEGURANÇA PRIVADA: a expansão dos serviços de proteção e vigilância em S. Paulo
Viviane de Oliveira Cubas

Os serviços de segurança privada vêm se expandindo cada vez mais nos últimos anos. Tal serviço é geralmente solicitado para reforçar a vigilância de espaços públicos e privados com a justificativa baseada no aumento da criminalidade, no medo da violência e na ineficiência da polícia. Entretanto os vigilantes privados não estão submetidos a regras e limites em suas ações assim como o estão os policiais. Dessa maneira, abrem-se espaços para atitudes arbitrárias e contrárias à lei que prevê ao Estado o monopólio legítimo da violência. Outra característica é o frágil controle do Estado sobre tais empresas que detêm um poder de polícia na esfera privada mas que está livre dos formalismos que protegem os indivíduos no espaço público. Neste trabalho é apresentada uma pesquisa sobre as empresas de segurança privada existentes em São Paulo. Procurou-se descrever a estrutura de funcionamento dessas empresas e identificar o que o Estado permite e quais os limites estabelecidos por ele para a atuação de tais empresas no mercado.



ISBN:
85-98292-39-7
R\$20,00



SEAN O'FAOLAIN'S: Letters to Brazil
Munira Hamud Mutran (Edited by)

O livro consiste na correspondência entre o romancista e contista irlandês (1900-1991) Sean O'Faolains e a profa. Munira Mutran do Departamento de Letras Modernas da USP. Nessas cartas o autor discorre sobre questões literárias e o contexto cultural irlandês.

ISBN: 85-98292-44-3
R\$25,00

MEIO AMBIENTE E DEGRADAÇÃO CULTURAL
Maria Elvira Bonavita Federico

Fazendo parte da análise Paisagem, Imagem e Representação, este livro mostra como a simples leitura de um poema de Mário de Andrade pode fazer aflorar imagens da memória e levantar parte da paisagem da cidade de São Paulo. Por meio desse trabalho, conseguimos reconstituir todo o ambiente em que o poeta viveu, com toda a gama de conteúdo de sua vida e do seu momento.



ISBN: 85-98292-40-0
R\$18,00



PANDAEMONIUM GERMANICUM – Revista da Área de Alemão

Esta revista anual de Estudos Germânicos dirige-se a um público acadêmico interessado em Língua, Literatura e Tradução de textos de expressão alemã. É editada semestralmente pela Área de Alemão da FFLCH/USP e divulga artigos e resenhas nos idiomas de comunicação científica mais corrente.

ISSN 1414-1906
R\$18,00

COMUNICADO

ARTIGOS

A partir do próximo número, reabre-se espaço para artigos de alunos e funcionários sobre temas de interesse acadêmico. Deverão ser entregues até o dia 15 de cada mês. Havendo mais de uma proposta por mês, será feita uma seleção.

O Comitê Editorial do Informe encontra-se à disposição para o recebimento de material. Artigos devem, preferencialmente, conter 50 linhas de 70 toques e outras matérias (notícias, eventos etc) no máximo 10 linhas. Tel/Fax (0XX11) 3091-4612 e e-mail: informe@usp.br

TESES E DISSERTAÇÕES

Constará no Informe as datas de defesas das teses de doutoramento e das dissertações de mestrado, cadastradas no sistema até o dia 25 de cada mês que antecede o evento.

ERRATA

Na entrevista do Prof. Dr. Zenir Campos Reis, publicado no INFORME de novembro de 2004, o correto é "Professor aposentado".

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

N. 16 – fevereiro/março/2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO E IMPRENSA
PRÉDIO DA ADMINISTRAÇÃO – RUA DO LAGO, 717
CIDADE UNIVERSITÁRIA – CEP 05508-900
TELFAX: 3091-4612 – FONE: 3091-4938